

ELEIÇÃO NA VENEZUELA

Eleitores enfrentam até 10 horas na fila e o temor de perseguição por parte do regime de Nicolás Maduro para votarem pela mudança, em diferentes partes do país. No exterior, venezuelanos realizam concentrações e defendem liberdade

Arquivo pessoal



Simón Gómez, 41 anos, advogado e professor: voto pela renovação

Arquivo pessoal



Evamar Rodríguez, 24, psicóloga: 10 horas na fila da seção eleitoral

Jaime Saldarriaga/AFP



Venezuelana chora diante do consulado do país, em Medellín (Colômbia)

Entre o medo e a emoção

» RODRIGO CRAVEIRO
» ANDRÉ PHELIPE
Especial para o **Correio**

A psicóloga venezuelana Evamar Rodríguez, 24 anos, não se incomodou com as 10 horas à espera da oportunidade de votar pelo futuro da Venezuela. Outros sentimentos falaram mais alto. “Eu fiquei emocionada por votar. A vida inteira estive sob esse governo. Estou emocionada por cumprir o meu dever cívico”, afirmou ao **Correio** a moradora de Guacara, no estado de Carabobo. “Cheguei à fila às 6h30, mas as pessoas começaram a votar somente às 8h, quando a ordem era começar a votar às 6h”, denunciou. Tudo o que Evamar espera é “viver com dignidade”. “Eles nos despojaram de nossa essência humana e civil. Acostumaram o povo a viver com migalhas”, protestou.

Gerardo Pérez, 26 anos, estudante de ciências políticas, enfrentou seis horas na fila para votar, em um colégio da cidade de Maracaibo. Ao ser questionado pelo **Correio** se tal sacrifício valeria a pena, ele respondeu: “O homem tem que morrer por uma causa, e uma delas é a liberdade de nosso país”.

Ele não foi a uma sem sentir medo. “O temor sempre existe. Os corpos de segurança do governo têm a capacidade de nos rastrear e de nos prender. Por aqui, não há liberdades”, desabafou. Tanto que Pérez não quis enviar uma fotografia à reportagem. “Nós votamos pelos caídos, por nossos familiares, por aqueles que não puderam votar por estarem em outro país. Votamos por aqueles que tiveram de

ir embora, forçados. Pelos falecidos nos protestos, pelo meu futuro e pelo de muitos”, acrescentou o eleitor do opositor Edmundo González Urrutia.

Pérez disse estar só na Venezuela. Toda a família fugiu do país. “Todos nós desejamos uma mudança neste país. Isso é urgente”, disse. “Os venezuelanos falaram, hoje. Desde sábado, as pessoas começaram a formar filas nos centros de votação e a fazer respeitar o voto. Eu saí para votar às 6h (7h em Brasília). Havia uma fila de 150 pessoas e era possível ver a esperança, o desejo de mudança. Consegui sair da seção eleitoral às 12h16, apesar de ter gasto apenas 95 minutos para exercer o meu direito ao voto”, relatou.

No bairro de Los Dos Caminos, em Sucre, na Grande Caracas, o advogado e professor universitário Simón Gómez, 41, estava otimista, apesar de consciente sobre as dificuldades pelas quais a Venezuela deverá passar. “Não será fácil o caminho para o reconhecimento da vitória de Edmundo González, muito menos para a transição de poder. O processo exigirá negociações árduas e complexas. Espero entendimento, reconciliação e democracia para o meu país”, explicou à reportagem.

Gómez avalia que a eleição de ontem teve uma “importância transcendental”. “Apesar de ter sido um processo inserido em um marco autoritário e com uma ampla ‘vantagem’ para o candidato governista, vimos uma mobilização massiva de eleitores que acudiram às urnas porque desejavam uma solução



Eles nos despojaram de nossa essência humana e civil. Acostumaram o povo a viver com migalhas”

Evamar Rodríguez,
24 anos, psicóloga,
moradora de Guacara,
no estado de Carabobo

X/Reprodução



O ex-diplomata Edmundo González Urrutia cumprimenta eleitores e posa para “batalhão de celulares”, após sair de um Fusca, em Caracas

Evaristo Sá/AFP



Concentração de venezuelanos na Torre de TV, ontem, em Brasília: esperança de um futuro melhor após 25 anos de regimes chavistas

pacífica para o conflito político na Venezuela”, avaliou. Ele aposta que a votação terá um papel primordial para o futuro da nação, independentemente de quem vença. “O que reclamamos é o retorno à senda institucional e democrática.”

Protestos

Venezuelanos refugiados em diversos países também protestaram por democracia. Em

Brasília, centenas deles se reuniram diante da Torre de TV, em ato contra Maduro. Uma das organizadoras da manifestação na capital, Kátiuska Alcalá Nunez, 45, veio para o Brasil em 2014 para fugir da pobreza. Com medo de a situação financeira piorar, largou tudo na Venezuela e decidiu recomeçar a vida no Brasil.

Como não conseguiu votar, ela e amigos decidiram se concentrar no centro de Brasília, em apoio aos “irmãos venezuelanos”,

enquanto votavam. “Estamos muito felizes e esperançosos de que esse governo vai sair e que teremos uma nova gestão.”

Ante o alto índice de pobreza na Venezuela, Kátiuska acredita que, mesmo com um possível novo governo, Edmundo González levará um certo tempo para reerguer a Venezuela. “Durante esses 25 anos, estivemos sob o chavismo. É como se fosse uma doença que demorou muito para ser tratada. Então, vai demorar, mas,

quando essa ferida for tratada e curada, estaremos prontos para voltar e reconstruir nossa Venezuela”, contou, emocionada. Em São Paulo, dezenas de venezuelanos se reuniram na Avenida Paulista e exibiram cartazes formando as palavras “Venezuela livre”.

Refugiados da Venezuela em Lima (Peru), Medellín (Colômbia) e em Orlando (Estados Unidos) também aproveitaram o dia das eleições para protestar contra o regime de Maduro.

Críticas à relação entre Lula e Maduro

» INGRID SOARES
» ANDRÉ PHELIPE
Especial para o **Correio**

Horas antes das eleições venezuelanas, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) alfinetou a proximidade de Luiz Inácio Lula da Silva com Nicolás Maduro. Por meio das redes sociais, Bolsonaro afirmou que “Maduro e Lula são mais que parceiros e amigos, são inseparáveis na busca do socialismo para toda a América do Sul”.

Sem provas, disse ainda que “as milícias batem à porta das casas dos eleitores e os conduzem às seções eleitorais”. “Não tem voto secreto

na Venezuela. O eleitor possui uma caderneta chamada de ‘Tarjeta de La Patria’, tipo Bolsa Família. Para se receber uma anêmica cesta básica por mês, tem-se que votar em Maduro ou morre de fome.”

Ao longo do texto, Bolsonaro ironizou o enviado de Lula à Venezuela, o assessor especial para assuntos internacionais da Presidência, Celso Amorim, chamando-o de “nanodiplomata”. Também caracterizou de “inúteis” os observadores brasileiros que até então iriam ao país acompanhar o pleito. E acrescentou que o Brasil deve “ser o primeiro país a reconhecer a ‘lisura’ na ‘justa’ vitória de Maduro”.

Um dia antes, Bolsonaro

mencionou Maduro brevemente, ironizando que o líder do regime “deu um passinho à direita” ao criticar o sistema eleitoral brasileiro. Na semana passada, o líder chavista mencionou que a eleição por urna eletrônica não é auditável. Em resposta, o Tribunal Superior Eleitoral cancelou a ida de técnicos para acompanhar o pleito venezuelano.

Na troca de farpas entre Brasil e Venezuela, Bolsonaro também recebeu críticas. No sábado, ao discursar para embaixadores, Nicolás Maduro apontou que “correntes fascistas da América Latina nasceram na Venezuela”. E adicionou o nome de político brasileiro à lista.

O deputado federal e filho número três do ex-presidente, Eduardo Bolsonaro (PL-SP), comentou, em um post na rede social X (antigo Twitter), que o ditador venezuelano só é democrata no “mundo das narrativas de Lula”. “Para a oposição fazer valer a sua maioria (na Venezuela), que já ocorre nas ruas, terá que ter um plano B, C e D”, disse o parlamentar.

O senador Jorge Seif (PL-SC) compartilhou um vídeo no qual um eleitor venezuelano critica o governo do ditador e diz que o país se tornará cheio de oportunidades quando Maduro perder as eleições. O parlamentar escreveu, acima do vídeo, que torce por uma “Venezuela livre e democrática”.

MAURO PIMENTEL/ AFP



Bolsonaro com Alexandre Ramagem: ataques à aliança de esquerda